

J.C. Santos



ENTRE LEOES E DEUSES

Sombra e Escuridão







www.primeirocapitulo.com

Rua Teófilo Braga nº 2, Armazém 3, 2685-243 Portela, Lisboa, **Portugal**

Av. Paulista, nº 2300 – andar Pilotis, Bairro Cerqueira César
01310-300 São Paulo, SP, **Brasil**

Todos os direitos estão reservados e protegidos por lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Primeiro Capítulo, poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma.

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada.
Para mais informações contacte: comercial@primeirocapitulo.com

Para informações sobre envio de originais contacte:
originais@primeirocapitulo.com



PRIMEIRO CAPÍTULO é uma Editora do Grupo Atlantic Books

© 2024, J.C. Santos e Primeiro Capítulo
E-mail: geral@primeirocapitulo.com

Título: Entre Leões e Deuses - Sombra e Escuridão

Editor: Ana Lourenço

Coordenador Editorial: Pedro Santos

Capa: Pedro Santos

Imagem Capa: Adobe Firefly

Composição Gráfica: Rui Revez

Revisão: Beatriz Ferreira

Ano de Publicação: 2024

ISBN: 978-989-37-8790-8 | Depósito Legal n.º 539198/24

Impressão e acabamento: Atlantic Print

J.C. Santos

Entre Leões e Deuses

Sombra e Escuridão



Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde

Que estas páginas sejam uma fonte de inspiração para viver sem mapas, dançar sem música e nadar sem boia.

Que possa se encontrar e enfrentar seus medos, para ser você.

Mesmo que o mundo espere outra coisa de ti.

Agradecimentos

Agradeço a meus pais.

Aos meus filhos, Julia e Bento. Que suas jornadas possam lhes mostrar um olhar para o futuro e um mundo, apesar de pequeno, imenso de possibilidades.

Para minha amada esposa, Bruna, a qual sustentou minhas possibilidades e alimentou os meus desejos, dos mais loucos aos mais... insanos... Me apoiando desde o início deste projeto, me segurando por muitas vezes, dos momentos mais iluminados aos mais escuros. E ainda virão muitos mais...

Cris, que um dia possamos nos encontrar em outra dimensão.

Minha doce e geniosa Nala. Você nunca foi obrigada a nada, mas sempre esteve ao meu lado, mesmo com seus olhos amendoados e quase melancólicos, porém, sinceros e puros.

Para algumas pessoas especiais: **Chico**, um ser-humano incrível, tornou-se um grande amigo, paciente e conselheiro incondicional; **Jaime**, fundamental e importante no processo de minha jornada como Autor profissional. Entendeu minhas loucuras, leu, criticou, orientou e revisou, me ajudando a descrever minha visão com emoção e profundidade; **Fuscaldi**, obrigado por compartilhar sua experiência incrível. Um grande profissional e ser humano.

Agradeço a minha **família** e **amigos** que me acompanharam e muitas vezes se fizeram presentes, com entusiasmo e curiosidade sobre a evolução de minha obra.

Por último, mas não menos importante, este livro é dedicado a **VOCÊ**, leitor, que arriscou seu tempo em ler esta jornada fantástica, que há muito tempo dedico um pedaço de meu ser. Obrigado por ler a minha voz, há muito tempo adormecida.

Sumário

Agradecimentos	7
Prólogo	11
O Desejo de Obscura	17
Capítulo 1 - Princípio	19
Capítulo 2 - Paraíso	37
Capítulo 3 - Luxúria	61
Capítulo 4 - Renascimento	85
Capítulo 5 - Inesperado	107
Capítulo 6 - Impulso	131
Capítulo 7 - Maçã	151
Capítulo 8 - Aurora	177
A Herança de Lumina	205
Capítulo 9 - Tormentas	207
Capítulo 10 - Despedida	227
Capítulo 11 - Barganhas	247
Capítulo 12 - Ferozes	269
Capítulo 13 - Primaveras	289
Capítulo 14 - Sangue	307
Capítulo 15 - Memórias	329
Capítulo 16 - Selvagem	353

O Despertar de Caelum	377
Capítulo 17 - Queda	379
Capítulo 18 - Presságios	403
Capítulo 19 - Promessas	427
Capítulo 20 - Dualidade	449
Capítulo 21 - Vingança	471
Capítulo 22 - Sombra	493
Capítulo 23 - Escuridão	515
Encerramento	535
Apêndices	537
Apêndice I Crônicas e Tempo do Reino	539
Apêndice II Religiões, Mitos e Lendas do Reino	543
Apêndice III Geografia do Reino	547
Apêndice IV Famílias do Reino	555
Apêndice V Terminologia do Reino	559

Prólogo

Era da Aurora | Lua do Desabrochar

Alpha Feroze lidera os Ferozes das Sombras em mais uma caçada implacável ao receberem a notícia de um bando de leões vagando pelo deserto, ameaçando os aldeões locais.

A líder e seus seis bravos guerreiros armados e acompanhados de lobos negros vestem elmos de aço negro parecidos com grandes cabeças de lobo reluzindo sob a luz do sol.

O grupo adentra uma densa floresta, seguindo os rastros fracos dos leões. Os galhos sussurram acima deles enquanto os rugidos ocasionais das feras ecoam pela floresta. Os guerreiros trocam olhares frios, com uma determinação inabalável. Seus lobos, famintos por carne felina, espreitam a mata à frente deles.

Depois de horas de perseguição incansável, os guerreiros emergem em uma vasta planície pontilhada com flores coloridas balançando na brisa. As feras graciosas que eles procuram jazem à frente, aquecendo-se ao calor do sol, perto de um riacho límpido e sinuoso. O majestoso bando que domina esse lugar consiste em um macho, uma leoa vigilante e dois filhotes brincalhões.

Alpha ordena que seus companheiros parem, sussurrando com urgência. Os caçadores se espalham, formando um semicírculo junto aos lobos, com a intenção de cercar os leões e forçá-los a uma armadilha predeterminada. Com um aceno de cabeça compartilhado, começam seu avanço, aproximando-se

furtivamente. A grama abafa seus passos enquanto eles mantêm os olhos fixos nas majestosas presas. Sentindo uma perturbação em seu reino, os leões levantam as cabeças, suas orelhas em pé e caudas se contorcendo.

Quando os guerreiros diminuem a distância, a leoa os nota primeiro. Rosnando baixo, ela cutuca os filhotes para se levantarem, cautelosa. O macho se ergue, mostrando a juba eriçada de orgulho e poder. Seus profundos olhos dourados brilham com curiosidade e desafio.

Os guerreiros continuam avançando, o coração batendo forte em antecipação. O aperto de Alpha em sua espada aumenta e ela gesticula para seus companheiros ficarem vigilantes. Com uma súbita onda de bravura, um dos guerreiros solta uma flecha que corta o ar, errando por pouco o macho.

— Ferozes, *Pugna!* — a líder dá o comando do ataque.

O estrondoso rugido dos leões em uníssono reverbera pela planície. Aumenta a adrenalina dos guerreiros conforme eles apertam o laço em torno das formidáveis presas. O clã começa a fugir dos perseguidores humanos, mas os caçadores são implacáveis, selvagens e mortais.

A caçada é feroz e árdua, e os leões exibem sua notável agilidade e força. A poeira sobe em seu rastro enquanto eles correm pela planície. Os guerreiros levam seus corpos ao limite, demonstrando determinação, igualada apenas pelo instinto primitivo das feras. Eventualmente, os caçadores conseguem conduzir o bando para uma ravina profunda e natural. Em um esforço coordenado, os lobos negros bloqueiam as rotas de fuga dos leões, empurrando-os para o precipício. O astuto macho, sentindo o perigo, dá um salto valente, limpando a ravina por pouco e desaparecendo por entre a mata, tendo o guerreiro Sex Feroze em seu encaixe.

A leoa e os filhotes, porém, se veem encurralados. Rosnam sem parar, desafiadoramente na beira da ravina, seus olhos fixos nos guerreiros determinados. Os habilidosos Ferozes das Sombras capturam a leoa e seus filhotes com redes resistentes, enquanto o medo e a confusão dominam os olhos da leoa.

Da mata logo atrás, Sex Feroze traz sobre os ombros o abatido macho de pelos acastanhados, elevando ainda mais a moral do grupo. Joga o animal no chão, trazendo à fêmea o gosto amargo da perda. Mas Alfa sabe da missão exercida por seu grupo e da ordem expressa pela rainha Esther: aniquilar a vida e total existência dos leões. Assim, a líder do grupo desencadeou, mais uma vez, sua fúria e frieza, ceifando as vidas dos felinos sem hesitar, não se importando nem mesmo com os pequenos filhotes.

Essa caçada é conhecida como Primaveras de Sangue por durar os longos nove meses da primavera, banhando flores e matas através do Reino com o líquido vermelho dos felinos abatidos, levando-os, conseqüentemente, à extinção.

Ao longe e protegido do ataque, um outro leão apenas acompanha a ação devastadora, preso em seus pensamentos: além do horizonte do lugar em que vivemos, um mundo de irmãs, milagres e sem fronteiras se desviou, guiado por ganância, poder e uma falsa glória. O soar do sino da divisão começou e esta será a herança da Era da Alvorada.



Era da Alvorada | O Despertar

Lumina e Obscura irradiam luz. Seus olhos são portais para a vastidão cósmica. Nascidas da morte de uma estrela, elas caem num lugar estéril, envolvido no caos dos elementos naturais.

Tocando o chão, ambas percebem que a atmosfera começa a se acalmar e os ventos selvagens começam a dançar em harmonia. Com um gesto suave, erguem as mãos e os elementos se separam do turbilhão caótico. Chamas alaranjadas dançam no ar enquanto cristalinas gotas de água flutuam delicadamente ao redor das irmãs. A terra rochosa se molda em colinas e vales suaves, cobertos por um tapete de vegetação exuberante.

Mesmo nascidas da mesma estrela, cada uma possui sua própria essência divina, e com isso combinam seus poderes em perfeita sincronia. Uma delas exala uma energia cintilante, envolvendo as árvores em flores multicoloridas e criando uma brisa suave que embala os pássaros alegres em seus cantos melódicos. A outra deusa emana uma aura serena e onde quer que seus pés toquem o solo, brotam nascentes de água pura, formando riachos sinuosos que serpenteiam pelo paraíso recém-criado.

À medida que as divindades continuam sua obra, o caos se transforma em harmonia. O céu, antes tomado por nuvens negras e tempestuosas, se desfaz em um manto azul-celeste pontilhado de estrelas brilhantes. O sol nascente pinta o horizonte com tons dourados, banhando o novo paraíso em uma luz suave e acolhedora.

Com mais um toque de suas mãos, as deusas trazem à vida criaturas de todas as formas e tamanhos. Borboletas coloridas dançam entre as flores e cervos graciosos percorrem os prados. Pássaros exóticos deslizam pelo céu, cantando melodias encantadoras que ecoam através das árvores.

O caos do início dá lugar a uma serenidade majestosa. O paraíso criado pelas duas deusas é uma sinfonia de elementos naturais, em que a beleza e a harmonia são tecidas em cada fio do tecido etéreo.

Em um último movimento delicado, pequenas partes de cada elemento essencial para a vida são colhidas e transformadas em quatro seres: os elementais ou arautos. Em sua compreensão, cada um possui seu papel para manter o equilíbrio e a harmonia do lugar:

Ignus, do fogo.

Caeli, do ar.

Solo, da terra.

Aquaris, da água.

Assim, Lumina e Obscura finalmente estão livres para descansar e aproveitar o paraíso recém-criado, agora conhecido como Reino.

O Desejo de Obscura

No despertar da **alvorada**, foi escrito que o **princípio** seria o **paraíso**. Mas a **luxúria** foi subjugada, trazendo um **renascimento**. E assim o **inesperado** ocorreu com um inocente **impulso**, mordendo a **maçã** que traria uma nova **aurora**...

— Obscura

Capítulo 1 - Princípio

Início da Era da Alvorada | Lua da Geada

Na primeira manhã de inverno, quando a neve começa a cobrir delicadamente os terrenos de vegetação mais baixa, Lumina decide visitar Obscura em sua nova morada. Seguindo mais ao leste, para o outro lado do rio, e atravessando o Mar de Sal, Lumina, no entanto, percebe que Obscura não se encontra em sua caverna.

A mulher senta-se na praia e espera o retorno da irmã. Lumina sente, através da ligação mútua, que Obscura está na Ilha de Fogo, um de seus lugares favoritos, próximo dali. Apesar da forte curiosidade por conhecer o lugar pessoalmente, Lumina sempre tentou respeitar a individualidade da irmã, jamais ultrapassando os limites do oceano para saber realmente o que é esse lugar. Isso porque Lumina não consegue vê-lo e senti-lo com sua atividade psíquica, pois, por alguma razão, uma energia a bloqueia, mesmo com a presença de Obscura no local.

Enquanto a água salgada do mar de águas azuis toca os pés de Lumina, ela percebe estar sendo observada de longe por alguma criatura do alto do penhasco entre a pequena floresta que separa o fim do Mar de Sal da queda que dá até a praia.

Sentindo-se, de certa forma, ameaçada por essa presença, a deusa manipula as mãos com leveza e graça, fazendo surgir uma lâmina de cada uma de suas pernas. Seu formato sugere que ambas podem se unir em apenas uma grande e bela espada

de duas mãos. Com as lâminas em seu poder, Lumina gira o corpo, arremessando uma delas em direção ao topo do penhasco.

No instante em que arremessa a lâmina, a mulher desaparece no ar, deixando apenas um rastro de pó da areia da praia, que se levanta com sutileza.

Percebendo a lâmina vindo em sua direção, a criatura corre para um rio próximo, escapando do possível golpe.

Assim que a lâmina atinge o tronco de uma árvore, Lumina surge como por encanto, segurando a empunhadura da lâmina afiada e certa. Sem perder tempo, inicia a busca pela criatura.

Adentrando a pequena e aberta floresta, Lumina é abordada por Ignus, o que a faz dar um pulo para trás.

Como uma reação imediata, a mulher segura mais firme as armas nas mãos.

— Ignus, o que está fazendo aqui? Me espionando?

— Não, Lumina. — responde Ignus, enquanto procura o leão, mas sem tirar seus olhos de desconfiança das mãos da mulher — Apenas vim acompanhar o leão, uma criatura amável, apesar de grande e causar medo de vez em quando. Ele é um bom caçador, mas deixa isso mais a cargo das fêmeas de seu bando. Às vezes, esse animal visita Obscura e ambos se divertem e brincam, correndo pela praia. Muitas vezes, ela até monta nele para aproveitar sua velocidade e sentir a brisa salgada bater em seu corpo.

— Quer dizer que minha irmã possui um amigo? — pergunta Lumina — Estranho, não consegui senti-lo. Pois bem, eu poderia conhecê-lo? Você me apresentaria ele? — percebendo o olhar desconfiado de Ignus para as espadas, a deusa sutilmente aproxima-as de suas pernas, fundindo-as à sua carne novamente.

O arauto de fogo pega na mão de sua deusa sem pensar duas vezes e segue o caminho mata adentro, puxando-a em direção ao rio próximo. Ignus sabe que essas águas são o lugar preferido do leão e de seu bando, onde, após uma bela e cansativa caçada, vão todos se refrescar. Enquanto deusa e arauto seguem atrás do animal, este se encontra ofegante e assustado, tentando explicar aos outros arautos o que acabou de lhe acontecer. Pouco tempo depois, Lumina e Ignus surgem por entre as árvores, ao que a criatura, nervosa, enrijece os músculos e ruge, firmando as grandes patas no chão e impondo respeito ao seu domínio.

— Acalme-se, leão. Sou eu, Ignus. Esta é Lumina, irmã de Obscura. Acredito que sua amiga já tenha falado da irmã. Eu a trouxe aqui porque ela gostaria de conhecê-lo! — exclama o elemental, aproximando-se devagar enquanto segura a mão de Lumina, fazendo-a acompanhá-lo.

Mesmo desconfiado, o leão baixa a guarda, deixando a mulher tocar seu focinho. Ao toque das delicadas mãos dela, o felino começa a ronronar, num sinal de que está gostando do carinho, até espirrar sobre Lumina, fazendo rir a deusa e os elementais presentes. O leão nunca viu Lumina, mas ouviu falar dela. Em sua cabeça, pensa em como pode ver uma mulher tão igual, mas, ao mesmo tempo, tão diferente de sua amiga, como em seus cabelos e seus olhos.

Ao tocá-lo, a mulher acha que pode ser interessante criar uma vida parecida com ela e com sua irmã para lhes fazer companhia, principalmente para Obscura, pois sua irmã anda triste e muito distante. A atenção da outra deusa é muito dedicada à ilha e pouco dedicada ao Reino, além das criaturas que rodeiam o entorno de seu canto.

Enquanto Lumina acarinha o animal, agora de barriga para cima, aproveitando o gesto gentil, ela convence os elementais de

sua ideia e de que essa nova companhia deve ser diferente delas. Assim como os animais que criaram, ela pode criar, talvez, um macho. Com a intenção de aprendizagem e troca, este poderia ser exatamente o leão, uma vez que Obscura já está acostumada com sua companhia, como há pouco disse Ignus.

Sem discordância, a mulher aproveita a distração do animal, fazendo-o adormecer. Seu bando, próximo dali, apenas observa por entre as árvores e folhagens. Uma das leoas faz menção de ir na direção do grupo desconhecido, mas é abordada pela arauto da água, Aquaris, que, com rapidez e sutileza, lhe explica a situação, dizendo que o restante do bando não deve interferir. Mesmo contra sua vontade, o bando segue a leoa com tristeza e desaparece dali.

Solo faz surgir uma mesa de pedra debaixo do animal, possibilitando que fundam o barro ao corpo dele e criem uma forma humanoide como a das irmãs. Enquanto os elementais redesenham pouco a pouco o corpo do leão, a deusa cuida para que a consciência dele não se perca e possa se unir ao novo corpo. Passado um tempo, finalmente o trabalho de Lumina e dos elementais é concluído. A criatura permanece deitada e dormindo, enquanto seu corpo ainda se regenera e se conforta às mudanças de sua nova forma.

Enquanto a criatura dorme, Lumina observa calmamente cada pedaço do novo corpo, inclusive, comparando-se com ele. Ao mesmo tempo em que o olha, toca-o e faz o mesmo consigo, comparando com exatidão cada pedaço. Os elementais se entreolham, soltando pequenos risos com o jeito com que Lumina se comporta. Em certo momento, mesmo com seu poder e inteligência, a deusa se assusta com uma forma diferente entre as pernas da criatura. Solo percebe a curiosidade nos olhos da mulher e sutilmente se aproxima dela.

— O que foi, minha deusa? Está surpresa com o que vê? Dentre muitas características que diferenciam o macho da fêmea, essa é uma das mais evidentes, porque é física. Como macho, esse é o instrumento que ele carrega para procriação e continuidade de sua linhagem, a semente da vida. Já era de se esperar que, mesmo se transformando em homem... Meus irmãos e eu decidimos por este nome. Voltando aos fatos, mesmo como homem, ele continuaria com essa forma em seu corpo.

— Procriação? Vocês não me disseram nada sobre isso. Quer dizer que não teremos controle de quantos animais, seres, até mesmo desta criatura, homem, teremos no Reino? — questiona Lumina.

— Sim, minha deusa — responde Caeli —, procriação. E não, não teremos controle. A vida que colocamos neste mundo é livre. Existe uma cadeia alimentar, como já sabemos e delimitamos. A vida é livre, e deve ser mantida assim.

A arauto recebe o apoio dos irmãos, mas preocupa Lumina, que se senta sobre uma pedra ao lado da criatura, sem tirar os olhos dela.

— Mas como faremos para saber o dia em que irão morrer, e que devem morrer, não é? Todos morrem um dia. Quero dizer, Obscura e eu nascemos da morte de uma estrela. Até mesmo nós morreremos um dia... Quem sabe?

— Mais uma vez — retruca Solo, demonstrando indignação com os questionamentos da deusa —, Lumina, quando criamos o Reino e sua fauna e flora, deixamos claro que tiraríamos a responsabilidade sobre suas vidas. Toda vida neste lugar é livre, e deve permanecer assim.

— Essas criaturas devem ter rédeas, devem ser observadas. — exalta-se a mulher, perturbando os elementais que a

ouvem — Não concordo com o que você disse, apenas isso. Mas agora não é o momento, veremos isso depois.

— Obscura pensa como nós, que as criaturas devem ser livres, sem amarras! — exclama Aquaris.

— E o que Obscura entende de liberdade? De vida? De criação de vida? Se entendesse, e desse a devida atenção e cuidado ao Reino, ela estaria aqui conosco, fazendo parte disto, e não perambulando em um lugar que eu nem conheço e sou impossibilitada de conhecer. — argumenta Lumina, com aparente mudança de humor.

Antes que Solo e Aquaris retruquem novamente, a mulher ordena que se calem, levanta-se e cruza os braços, movimentando-se de um lado para outro.



No fim da tarde, próximo da hora do morcego, eis que desperta o novo ser, ainda um pouco atordoado e sem entender muito bem o que lhe aconteceu. Apavorado, acaba caindo da mesa de pedra e, sem conseguir colocar-se de pé, se pendura do outro lado da mesa, deixando apenas seus olhos acima do nível do objeto. Lumina e os elementais olham para a criatura com parte da cabeça à mostra: seus longos cabelos castanhos misturam-se a fios pretos e seus olhos amendoados, quase âmbar, os encaram sem piscar, enquanto o homem tenta se manter firme em seu apoio.

— Não tenha medo, criatura. Sou eu, lembra-se? Lumina é meu nome. Consegue se levantar?

Balançando sua cabeça em confirmação, a criatura se põe de pé com esforço, mas sem tirar as mãos de seu apoio.

Sutilmente, para não assustar, Lumina caminha para perto, olhando com atenção os detalhes da escultura em forma de vida que acabou de criar.

Com a mistura de olhares da mulher e dos elementais, o novo ser, de início, fica um pouco desconfortável, afinal de contas, não tem o costume de ser observado tanto. Aos poucos, passa a reconhecer fielmente a mulher: ela é a mesma que muitas vezes estava do outro lado do grande rio quando ele e seu bando se distanciavam das terras do sul, atravessando o Mar de Sal para caçar ou desbravar novos lugares.

Lumina demonstra curiosidade pela criatura de pé, que, mesmo sem querer, mostra um físico bem mais definido com músculos em comparação ao dela, herança de sua força quando animal. Com prudência e sem amarras, a mulher continua a analisar a nova criação tocando, apalpando, passando suavemente as pontas de seus dedos nele.

— Você deveria ter um nome, criatura. — diz Lumina, sem tirar os olhos de seu corpo — O que acha de se chamar Lynx? Uma mistura de leão com homem seria um belo nome, não acha?

Ainda desconfortável, a criatura sorri para a mulher, como um sinal de aprovação.

Aquaris dá um toque sutil e complementar:

— Poderia ser Lynx Caelum. Uma vez que nasceu com os poderes cedidos de uma deusa que veio dos céus. O que acha, Lumina?

— Perfeito, Aquaris, um nome perfeito... Lynx Caelum. Você gostou? — questiona Lumina, olhando para a criatura, que balança a cabeça com aprovação e um sorriso.

Lumina, sem titubear, mais uma vez dá importância ao instrumento de procriação da criatura, e o toca sem pudores. Isso

provoca uma reação imediata, enrijecendo-o e envergonhando Lynx, enquanto a própria deusa sente uma estranheza: ela já viu outros animais no ato do cruzamento, mas jamais se aproximou tanto ou deu a devida importância a isso.

— Será que não é melhor cortar? Preocupo-me com o bem-estar de Obscura. Quero dizer, se isto pode procriar, imagine se ele se aproxima de minha irmã com essa intenção? — a mulher encara os elementais, que se entreolham e riem sutilmente, sem uma resposta. Lynx, por sua vez, coloca as mãos na frente, tentando esconder seu órgão reprodutor.

— Não acho conveniente cortar. — comenta Solo — Liberdade, lembra? E temos certeza de que Lynx não se aproxima de Obscura com esse intuito, não é Lynx?

O homem concorda com a cabeça.

— Assim espero. Agora, se puderem me deixar a sós com Lynx Caelum, eu gostaria deste momento com ele.

Lumina gesticula e os arautos saem.

Sentindo o distanciamento de seus arautos, Lumina volta-se para o homem pegando firme em seu membro e, com um sutil sorriso em seu rosto, encara-o firme enquanto seus olhares se encontram.

— Você pode estar até com medo, mas meu toque não o impediu de me ver como uma de suas fêmeas, não é? Tome cuidado com o que fará com isso... Eu já conheço seu instinto primitivo, selvagem. Se fizer qualquer movimento que eu não goste, você será punido com a morte. E lhe garanto que será lenta e sofrida! — Lumina faz uma de suas espadas surgir de sua perna, deixando-o completamente estatelado e rígido.

Ela compreende a reação do macho, sabe o que ele é, e aproxima-se de seu rosto, provocando-o ainda mais, sentindo o pulsar da vida em suas mãos.

— Jamais se aproxime de Obscura com isso, ou com alguma intenção que não seja a companhia. Lembre-se disso: eu lhe dou, eu lhe tiro. Respeite-me como sua criadora e dona. Eu o darei para Obscura, mas você ainda me pertence. O fruto é seu, mas a colheita é minha.

O homem apenas a observa com seus olhos arregalados, sentindo a mão pequena e delicada da mulher envolvendo-o e apertando cada vez mais. Como um gesto de que compreende a ordem, Lynx engole seco, consentindo com a cabeça.

— Então estamos acordados. Obscura poderá tê-lo ao seu lado, mas o brinquedo é meu. Agora vamos, você será meu presente para ela e, novamente, não ouse tocá-la com isso.

O homem engole em seco novamente, tentando dizer algo, mas as palavras ainda não saem de sua boca. Ele apenas grunhe em concordância.

Enquanto caminham em direção à morada de Obscura, Lumina lembra-se que Lynx, sendo companhia de sua irmã, precisará se comunicar com a fala.

Convida-o para se sentar e delicadamente toca sua garganta, pronunciando algumas palavras. Com a outra mão, alcança a nuca do homem, encostando testa com testa.

Após um momento, Lynx sente sua garganta começando a queimar forte e, de um rosnado forte e grosso, passa a emitir um grito comum de dor. Assim que o calor e a dor passam, ele toca a própria garganta e começa a pronunciar palavras sem sentido, até que elas começam a sair com muito esforço.

— Obrigado, minha deusa! — exclama Lynx, com alegria.

Os olhos dos dois se encontram rapidamente, gerando um sentimento estranho na mulher.

Sem se importar que se trata de Lumina, o homem a ergue no alto em um grande impulso, segurando sua cintura tão

fina que quase cabe em sua mão, fazendo-a rodopiar. Lumina, desconcertada e surpresa, ri alto, descontroladamente, até seus olhares novamente se cruzarem. Num súbito movimento, a mulher toca o rosto de Lynx com as duas mãos e o beija intensamente enquanto percebe algo tocá-la lá embaixo. Assustada, impulsiona-se para trás e se desvencilha dos braços do homem. Sentindo seus pés tocando o chão, imediatamente faz suas lâminas celestiais surgirem entre a carne de suas pernas, deixando-as bem aparentes.

— Percebe o que acabou de fazer? É isso que lhe repeti várias vezes. Isso jamais deve acontecer com Obscura, está me entendendo?

— Mas foi você quem me tocou! — reclama Lynx, olhando com olhos enervados para a mulher.

— Ousa se dirigir a mim com prepotência? Ousa me diminuir, selvagem? — exalta Lumina, com as mãos mais próximas das lâminas.

Percebendo a ira da criadora, Lynx imediatamente se ajoelha diante da mulher, que o olha com soberba e imponência de cima a baixo, demonstrando a posição de inferioridade da criatura ante a ela. No entanto, Lumina começa a se acalmar e seus olhos de pura fúria se transformam em um olhar de ternura e compreensão.

Lumina segura a cabeça de Lynx a favor de seu ventre, fazendo-o sentir sua pele macia, e, num movimento, ele a abraça e se apoia nela.

— Isso — diz Lumina — é o que quis lhe dizer quando acordou: não quero que algo assim aconteça entre você e minha irmã. É perigoso demais para ela. Este tipo de sentimento traz descontrole e quando você acha que está fazendo bem, ele está te corroendo por dentro. Você me entende?

— Eu entendo, minha ama. Prometo que não voltará a acontecer. — murmura Lynx, recostando-se ainda mais no ventre de Lumina enquanto observa as lâminas saltadas das pernas da deusa.

Lumina se desvencilha gentilmente do abraço, compreendendo que ele está arrependido, e então lhe entrega sua mão para que ele a segure. Lynx se levanta enquanto Lumina o segue com o olhar, vendo a grande criatura à sua frente também vidrada nela.

— Será que eu o entrego realmente para Obscura? Vocês dois juntos me darão trabalho, eu sinto isso.

— Confie em mim, minha senhora. Não tocarei em sua irmã, compreendo ser apenas seu. Mas por que não fico com a senhora e, com seu poder, cria um outro para a deusa Obscura? — questiona Lynx.

— Porque minha irmã não deve ter tal liberdade, tal companhia, tal idolatria para si. Assim como você, ela também é somente minha. Não volte a tocar neste assunto, principalmente perto dela! — exclama Lumina, estreitando os olhos para Lynx.

— Sim, minha deusa, perdoe-me.

Lumina volta a tocar o rosto do homem, agora reparando em suas orelhas pontudas, a única herança fisicamente aparente de sua antiga vida. Lynx tenta desviar o olhar da mulher, com medo de ter qualquer reação inesperada, mas novamente é surpreendido por ela, que lhe beija carinhosamente os lábios enquanto esfrega os dedos nas pontas de suas orelhas.

Lynx imediatamente a levanta, provocando calafrios e fazendo uma energia diferente percorrer o corpo de Lumina ao ponto de suas pernas envolverem a cintura do homem, intensificando-lhe um beijo. Com tal reação inesperada, Lynx tenta afastá-la, mas Lumina o impede, encaixando-se naturalmente e movimentando o corpo com suavidade.

Mesmo entregando-se ao momento, Lumina sente uma presença observando-os por entre as folhagens. O par de olhos amarelados parece refletir os dois amantes no lugar. Imediatamente, a mulher se vira para os olhos e adentra a mente da criatura de pelos negros.

— Ainda não é seu momento; a sua oportunidade chegará. Até lá, volte para onde veio.

A criatura balança a cabeça e se afasta devagar, soltando um uivo longo enquanto encara a grande lua no céu. O lobo então se põe a correr, sumindo entre as árvores escuras.

Voltando para o momento de prazer, Lumina faz com que suas espadas surjam e parem no ar, muitas vezes apontando para Lynx. O homem, por sua vez, não presta mais atenção no perigo que os rodeia. Ele grunhe, tapando a boca entre os seios de Lumina, que sussurra extasiada em suas orelhas:

— Sua semente, minha colheita.

Gentilmente, o homem acomoda a mulher, apoiando-a em uma pequena árvore. Ambos ouvem o coração um do outro, enquanto buscam acalmar suas respirações.

— Que delícia... Você é farto, meu querido. Veja: ainda escorre! — exclama Lumina, olhando para Lynx, que fica encabulado.

As espadas da deusa, que até o momento o seguiam, voltam para as pernas da dona, enquanto ela se recompõe e se levanta meio cambaleante. Após seu momento de êxtase seguido de um breve descanso, Lumina volta ao caminho.

— Vamos, Lynx Caelum, temos que ser mais rápidos. Quero lhe apresentar logo para Obscura, acredito que ela ficará feliz em conhecê-lo.

Lynx, logo atrás, tenta acompanhar, arfante, o ritmo dos passos apressados da mulher.

— Por que você não usa seus poderes? Acredito que chegaríamos mais rápido. Agora tenho apenas duas pernas; quando eu tinha quatro, era bem melhor.

— Você está abusando para quem acabou de ganhar uma consciência e um corpo novo. Principalmente para quem teve a honra de se deitar com uma mulher como eu. — Lumina para repentinamente, voltando seu olhar para o homem — Mas você está certo; ainda que, apesar de eu ter meus poderes, não é recomendável usá-los a todo momento. Você deve aprender que tudo o que vive um dia morre. Mas vamos atender seu pedido, venha. — a mulher pega a mão de Lynx e faz surgir novamente uma das lâminas.

Os olhos de Lumina ficam ainda mais verdes do que seu tom natural, brilhantes como duas grandes esmeraldas. Sua lâmina também começa a mudar de cor para um negro opaco e denso que quase não reflete a luz do dia, que já começa a nascer por entre as grandes árvores no horizonte. Segurando a mão de Lynx, sem dar espaço para ele fugir, Lumina aponta a lâmina em sua direção, aterrorizando a criatura com seu comentário. A mulher então lança a espada na direção oposta e, assim que a arma rasga o caminho por entre a vegetação e acaba certamente fincada em uma das árvores, ambos são teletransportados para esse novo local enquanto Lumina segura a empunhadura.

Lynx cai nauseado com a viagem, ainda tentando entender como a fez. Sem deixá-lo se recompor do mal-estar, Lumina novamente segura sua mão e lança a espada. Lynx se vê aparecendo em ainda outro lugar, muito adiante de onde estava anteriormente. Mas desta vez não consegue se conter e vomita, indisposto e desorientado com a viagem.

— Não seja mole, Lynx Caelum, a jornada já está terminando! — exclama Lumina.

O homem respira fundo, já sabendo o que está por vir, enquanto a deusa conversa com a lâmina:

— Vingança, sinta através do meu desejo, navegue através de meus olhos. Alcance Obscura!

Ambos desaparecem, deixando um rastro de terra levantada, com folhas e troncos cortados.



Próximo à entrada da caverna de Obscura, a areia branca da praia se eleva. Lynx e Lumina surgem por entre os cristais. Antes que ambos possam compreender onde estão, Lumina cai por cima de Lynx, segurando Vingança com a ponta virada para a areia. A deusa abruptamente põe a lâmina na garganta do homem, ao perceber seus corpos entrelaçados após a queda.

— Não se atreva a pulsar essa coisa em mim, seu animal. Quem pensa que sou? Uma de suas leas? Você só encosta em mim quando eu ordeno! — esbraveja, levantando-se rapidamente e percebendo que Lynx a encara diretamente, como se furioso.

— Ousa me desafiar, selvagem? — agora o olhar da deusa tem o mesmo brilho da última vez em que pegou a espada.

— Eu não fiz nada, foi você e sua espada. — retruca o homem, levantando-se e batendo a areia da praia de seu corpo — Você estava em cima de mim, e não o contrário. Vamos logo para o encontro com a deusa Obscura. Não sou mais um animal, gostaria que não me tratasse assim. Não farei nada sem um convite seu, minha senhora. No entanto, você deveria decidir o que realmente quer de mim.

— Neste momento, quero apenas que se comporte. — esbraveja Lumina, sem graça.

No entanto, seu temperamento e personalidade a impedem de reconhecer seu erro: sem baixar a cabeça, e mantendo sua prepotência, caminha em direção à entrada do refúgio e percebe a silhueta da irmã vindo em sua direção.

Uma alegria estampa o rosto de Obscura e Lumina põe-se a correr ao encontro dela. Ambas se abraçam com força.

Escondida entre as nuvens, uma criatura paira, soltando um rugido agudo e estridente. Lynx, um pouco atrás de Lumina, abaixa-se rapidamente tentando se proteger, enquanto a deusa olha para cima: desconfia nunca ter visto essa sombra antes, mas não se incomoda e continua a abraçar a irmã.

— Desculpe por não ter vindo antes; estava ocupada com os elementais. Estávamos trabalhando em algumas coisas para o Reino, uma vez que você nos abandonou por suas criaturas, escrituras e outras coisas desinteressantes.

— Não tem problema. — responde Obscura — Tenho tantas novidades para te contar, coisas que aprendi com as criaturas. Inclusive, queria lhe mostrar meus...

— Não diga nada. — interrompe Lumina, percebendo sua irmã cerrar os olhos — Já imagino o que seja... *Wyverns*¹, é isso? Aquilo que sobrevoava agora há pouco, quando cheguei, era uma dessas criaturas, não? Apenas deixe-a longe de mim. E não me olhe assim, sabe que temos nosso elo. Você que é fraca e me deixa entrar em sua mente facilmente. Mas deixemos de bobagem, sim? Quero lhe mostrar um presente.

Lumina segura a mão da irmã e a puxa em direção ao homem parado, o qual respira com medo de que Obscura o rejeite.

¹ Wyvern, criatura distinta dos dragões, sendo mais esguio e aerodinâmico, adaptado para voos rápidos e ágeis. Duas pernas musculosas com garras afiadas e asas grandes e membranosas, semelhantes às de morcegos, localizadas onde estariam os membros anteriores em outros animais.

— Presente? Adoro presentes. Estou realmente emocionada: você vindo me visitar depois de tanto tempo e ainda me trazendo presente. — admira-se Obscura, com tamanha generosidade da irmã.

— Um ultraje. — Lumina ri — Da forma como você fala, parece que sou uma péssima irmã! Como vive muito sozinha por morar tão longe de mim, pensei em diminuir sua solidão de alguma forma.

— Foi você quem escolheu morar do outro lado do Caminho dos Céus. — argumenta Obscura — Eu lhe disse para ficarmos deste lado, mas você teima em construir lugares que ficarão separados da vasta beleza que criamos.

— Pode ser, pode ser. Irrelevante neste momento. — ameniza Lumina, gesticulando para Lynx se aproximar e ficar ao lado de sua criadora.

— Este é um homem, seu nome é Lynx Caelum! — exclama Lumina, apontando com um sorriso no rosto — Os elementais e eu o criamos a partir de um leão, mas agora ele é um caminhante do Reino: o primeiro reinore. E ele, o primeiro, será meu presente para você.

Lynx cuidadosamente se aproxima, enquanto Obscura o observa com calma e curiosidade. Os traços físicos dele se parecem com os de uma das criaturas pelas quais ela tem afeição. A jovem mulher se aproxima e se distancia dele, curiosa, causando certo encantamento nele. Sem pudor algum, Obscura o cheira, o alisa com suas delicadas mãos, mexe em seus volumosos cabelos e puxa as pontas de suas orelhas, pontiagudas como as do leão. Sua curiosidade torna-se obsessão: aproxima-se ainda mais e olha o contorno de suas pernas e pelos, que a fazem rir com as cócegas que o toque lhe proporciona ao se abaixar.

O homem fica sem graça e desconfortável com esse comportamento da mulher. No entanto, ele sabe que deve se comportar como sua criadora o alertou.

Lumina, por sua vez, olha para o comportamento da irmã, percebendo o incômodo do homem, e pensando, inclusive, em pará-la. No entanto, ela sabe que Obscura é assim, curiosa e entusiasta com novidades.

Em um momento, a jovem mulher, ainda abaixada, levanta-se e, sem querer, se depara com o volume que já causou tantas discussões. Com o susto, Obscura cai para trás, sentada na areia.

Lynx a ajuda a se levantar, enquanto Lumina ri e pede que Obscura pare com sua análise minuciosa.

Alguns dos animais presentes observam a nova criatura que Lumina trouxe, pois o homem parece ter um cheiro conhecido.



Um pouco depois, no refúgio de Obscura, os três estão sentados a uma pequena mesa, degustando chá. A deusa presenteada continua a observar o homem, entusiasmada e com curiosidade. Sua aparência é parecida com a delas, com exceção de algumas diferenças não tão sutis, mas suficientes para despertar curiosidade. Após um longo dia de conversas, risadas e memórias, Lumina decide voltar a seus afazeres, deixando a irmã e o homem.

— Não se vá, Lumina; fique aqui conosco, *comigo*. Tenho saudades de passarmos os dias juntas... — lamenta Obscura.

— Eu sei, minha irmã. Muitas vezes, eu também. Mas tenho alguns compromissos. Lembra-se que eu me responsabilizaria pela face norte e você pela do sul? Eu e os elementais

precisamos expandir o norte. Lumina se levanta e se dirige à entrada do refúgio. — Você deveria construir um lugar para você também. Aqui é... estranho.

— Nosso lar não é onde nos abrigamos, mas sim com quem estamos. — comenta Obscura, acompanhando a irmã — Você passa muito tempo pensando e se preocupando em construir e expandir, e esquece que há tantas coisas ainda a se descobrir neste vasto Reino, incluindo me conhecer.

— Sem sentido algum, mas te entendo. Bem, agora você terá companhia com quem conversar, além das criaturinhas selvagens que vivem por aqui e a visitam o tempo todo. Mas agora preciso ir, se me dão licença. Lembre-se, Lynx Caelum, do que conversamos, sim?

Lumina se afasta e, olhando para cima e para os dois, arremessa Vingança em direção ao alto da colina.

Instantaneamente, Lynx se lembra do que há por vir e protege os olhos da luz que emana de onde Lumina se encontra. A areia da praia se levanta e, logo acima, a mulher desaparece no ar, surpreendendo e intrigando Obscura.

Capítulo 2 - Paraíso

Era da Alvorada | Lua da Renovação

— Venha, Lynx, hora de nos banharmos. Rápido, vamos aproveitar que as outras criaturas estão lá! — exclama Obscura, correndo em direção ao pé do penhasco, um pouco mais adiante, onde há uma queda d'água forte o suficiente para criar um pequeno rio e desaguar no mar próximo.

Conforme os dias passam, a beleza de se conhecerem e aprenderem um com o outro estampa nos olhos de ambos. Os momentos de diversão e troca são tão grandes e mágicos que muitas vezes a mulher se esquece de sua Ilha de Fogo, de sua irmã e de sua saudade.

No entardecer, eles sempre se reúnem próximo à entrada do refúgio, onde comem e bebem a uma mesa de madeira enquanto conversam sobre o que fizeram no dia. Lynx, por exemplo, aprendeu a trabalhar como artesão e carpinteiro, criando inúmeros objetos de madeira. Obscura, por sua vez, lhe traz, muitas vezes, notícias de sua irmã Lumina e o que vem fazendo no norte, construindo uma espécie de cidade para outros reinos que vieram algum tempo depois de Lynx, que deixou de ser a única criatura.

Muitas vezes, Lumina convida Obscura para se juntar a ela e, como irmãs e unidas, governarem o lugar que começa a crescer e prosperar. No entanto, como todos os convites feitos, todos são negados pela mulher, que prefere viver no sul, com seus animais e com seu amigo e companheiro.

— Tem visitado seu bando? — pergunta Obscura — Você não os menciona mais na mesa.

Lynx abandona seu prato, com tristeza no olhar.

— Faz um tempo que não os vejo. Acredito que tenham, finalmente, migrado para o norte. Desde que me transformei em homem, o bando perdeu sua vontade de continuar nestes domínios, e assim rumaram para próximo da Floresta Negra. Muitos outros bandos e espécies de animais os seguiram também. — Obscura percebe a tristeza no homem e se aproxima, mas quando vai tocá-lo, ele pede que ela o deixe — Preciso ficar sozinho por um tempo.

Obscura se afasta, acompanhando-o enquanto ele se afasta de cabeça baixa.

— Lumina, está aí? — por mais que Obscura tente, a mente de sua irmã parece estar fechada para ela.

A mulher se esforça mais um pouco e fragmentos de memória de Lumina adentram sua mente: imagens distorcidas mostram sua irmã com um homem ao mesmo tempo semelhante e diferente de Lynx. Seus corpos entrelaçados; parecem sentir algo diferente, algo que lhes proporciona leveza e dor.

Obscura força ainda mais seu elo com Lumina. A dor de cabeça a faz se ajoelhar no chão da caverna, mas o esforço lhe permite ver ainda mais fragmentos: um lobo gigante de pelos negros, deitado em uma mesa, se transformando em algo. Obscura se força a aproximar-se ainda mais da criatura deitada, que abre seus olhos amarelos, fazendo-a desmaiar.



Lynx está voltando para casa, um abrigo próximo da caverna de Obscura, também usado pelos animais que vivem por ali.

O lugar é onde ele costuma passar algum tempo com ela, uma vez que não se permite adentrar muito a caverna de Obscura. Ali, ele pode aprender a ler, escrever e criar humanos e animais de madeira com ela.

Aproximando-se de sua morada, o homem percebe os animais consternados, correndo de um lado para o outro. Algo estranho parece estar acontecendo. Lynx aperta o passo e corre até a entrada do refúgio: Obscura, caída no chão, tem seu rosto ensanguentado. Ele rapidamente a pega no colo e leva-a para a praia. Seus olhos de aflição e desentendimento preocupam ainda mais os animais.

Conforme limpa a mulher, tentando acordá-la, ele percebe que as duas linhas paralelas no corpo dela brilham intensamente na cor negra, passando a pulsar em vermelho-sangue. As mãos da deusa agora não têm somente os dedos pintados de negro; essa coloração cobre até os pulsos, com pequenos pontos brilhantes, como as estrelas de uma noite clara de verão. Mesmo com suas características tão estranhas e delicadas, Obscura parece ter se transformado em algo agressivo e assustador.

Aos poucos, ela recobra a consciência, abrindo seus olhos. O sangue que saía dos olhos e nariz parecem ter cessado. Lynx encara o olhar da mulher, que mantém sua cor natural, como duas grandes gemas azuis. As linhas de seu corpo começam a voltar ao normal: negras. Suas mãos também retornam à cor negra apenas em seus dedos.

— Quem te atacou? — questiona Lynx.

— Ninguém. Tentei conversar com Lumina, mas ela pareceu se fechar para mim. Forcei além do que deveria e acabei desmaiando, somente isso. Você pode me levar para casa, por favor? Ainda me sinto fraca.

Obedecendo ao pedido da frágil mulher, Lynx toma-a em seus braços, levando-a para dentro da caverna e deitando-a em sua cama. Em seguida, senta-se ao lado e a observa.

— Eu não entendo. — Lynx passa um pano úmido na testa dela, retirando a sujeira — Vocês são deusas; como podem ter tanto poder, mas, ao mesmo tempo, ser tão frágeis?

— Até mesmo estrelas podem morrer, e nós nascemos da morte de uma. — explica Obscura, segurando a mão de Lynx — Assim como, de certa forma, herdamos seu brilho e força, também herdamos sua fraqueza. Quanto mais usamos nossos poderes, mais fracas nos sentimos. Digamos que para o Reino existir, consumimos metade de nossas vidas, além de outras coisas que fazemos. Por isso, criamos os elementais: para nos ajudarem a consumir menos de nossa energia, afinal, eles podem compartilhar sua força e vida com a própria natureza. Sei que sente falta de Lumina, assim como eu, mas obrigada por estar aqui comigo, meu querido.

Lynx percebe que sua deusa passa a vê-lo de um jeito diferente, deixando-o um pouco incomodado e trazendo-lhe a lembrança de quando Lumina o alertou sobre se envolver com sua irmã de um jeito diferente. Isso o faz soltar a mão de Obscura e se levantar rapidamente, com a desculpa de ir buscar mais água para ela.

Assim que retorna, Lynx comenta:

— Entendi, minha deusa. Então... Aconselho vocês a moderarem e até diminuírem o uso de seus poderes desnecessariamente. Não acha uma boa ideia?

— Sim, meu querido, sim. Agora preciso descansar um pouco, mas me faça um favor: não se distancie, sim? Deite-se aqui ao meu lado.

Lynx atende ao pedido de Obscura, preocupado e um pouco contrariado, deitando-se ao lado da mulher, que lhe dá as costas.

Seu braço a envolve confortavelmente. Ao longo da noite, o homem não consegue pregar os olhos, ao mesmo tempo preocupado com a saúde dela e tentando compreender o que sente.



Amanhece.

Lynx, vencido pelo cansaço, dorme no chão, ao lado da cama de Obscura, que o olha delicadamente, afagando seus longos e fartos cabelos. A mulher decide se levantar e sair de seu refúgio, mas a presença de Aquaris à sua frente a sobressalta.

— Fui procurar Lynx — diz a arauto — e percebi que ele estava dentro de seu refúgio, dormindo em sua cama. Lumina pode saber disso, e se souber...

— Quanta amargura já no início do dia. — retruca Obscura, gesticulando para que Aquaris caminhe com ela pela praia, como sempre faz — Lynx não dormiu em minha cama; ele estava no chão. Mas, atendendo a meu pedido, ficou comigo. Ontem me esforcei demais e acabei desmaiando. Gentil e amável como sempre, Lynx cuidou de mim.

— Desculpe, minha senhora, mas você conhece Lumina e o elo que vocês duas possuem. Nada passa despercebido. Foi apenas um conselho, não quis ofendê-la ou direcionar o que deve ou não fazer. — lamenta Aquaris, sentindo a água tocar seus pés e se misturar em sua pele.

— Fique tranquila, terei cuidado com ele e com minha irmã também. Aliás, o que ela vem fazendo? Não consigo enxergar sua mente tão nitidamente como antes.

— Lumina vem criando mais e mais homens, aumentando a população do norte. Seu propósito é construir uma cidade e

exercer seu poder sobre eles. Acredito que ela esteja caminhando para uma monarquia: reger seus súditos e, assim, trazer progresso e prosperidade para o lugar. Inclusive, a Ilha de Thalassya está sendo um bom lugar para isso, cheio de pedras e minérios suficientes para enriquecer o norte.

— Você diz monarquia ou tirania, Aquaris? Isso me parece mais algo controlador e conquistador do que crescimento e prosperidade em si. Mas fico feliz por ela, preciso visitá-la. Talvez nos próximos dias eu faça isso. Mas diga-me: o que a traz aqui, minha amiga?

— Você é impossível, Obscura, impossível. Na verdade, vim lhe pedir algo relacionado a seus *wyverns*. Aquelas criaturas que você criou com Ignus na Ilha de Fogo.

— As notícias correm rápido entre vocês elementais! Sim, Ignus me ajudou a criar seis criaturas, que chamamos de *wyverns*. Nascidos das chamas da Ilha de Fogo, carregam um pouco da fonte de minha vida. O que gostaria com eles?

— Gostaria que, no momento de meu descanso, você me transformasse em um deles. Sinto meu papel no Reino quase completo. Talvez me transformando numa dessas criaturas eu possa me unir aos elementos, fazer parte deles de uma maneira diferente. — Aquaris fica de frente para Obscura, que parece sorrir.

— Claro, minha amiga. Seus irmãos, eles sabem disso?

— Por enquanto, não, e gostaria de manter assim. Mas preciso ir, o norte necessita de alguns afluentes para que a vida prospere próximo da cidade construída.

— Claro, Aquaris, vá, e mande meus cumprimentos a minha irmã.

Obscura se despede de Aquaris, que consente com a cabeça e adentra o mar, desaparecendo por entre as águas.

Lynx se aproxima de Obscura, percebendo as linhas que seguem o corpo da mulher. Os contornos negros nascem da nuca por debaixo dos cabelos, percorrendo suas longas costas até se dividirem em suas nádegas, descendo suas longas pernas e desaparecendo em seus tornozelos. Da nuca, há ainda duas linhas que se separam, percorrendo seus braços até se misturar com seus dedos médios pintados da mesma cor.

— Não pense que não senti você me espreitando, Lynx!
— exclama Obscura, virando seu rosto levemente para o lado.

— Desculpe, não quis assustá-la ou incomodá-la. Apenas vim à sua procura, pois ainda me preocupa o que lhe aconteceu ontem. — explica Lynx.

— Eu sei, meu querido. Mas você me olha como se nunca tivesse visto meu corpo. Estas linhas estão comigo desde meu nascimento, assim como a tinta que cobre meus dedos. — Obscura se vira para o homem e sorri levemente — Hoje faremos algo diferente. Hoje eu o levarei para conhecer a Ilha de Fogo.

— Obscura, você enche meu coração de alegria! — exclama Lynx — Há muito tempo que eu gostaria de conhecer o lugar que desperta e toma tanto de sua atenção.

— Façamos isso, mas preste atenção e não se assuste!

Um rugido soa por entre as nuvens. Lynx olha para cima: uma sombra enorme voa, até surgir como uma criatura com grandes asas, mostrando suas garras, que pousa pesadamente na areia da praia. O homem pula para trás rapidamente, enquanto, ao longe, os animais fogem para dentro do refúgio de Obscura.

A deusa se aproxima do *wyvern*, que apenas grunhe, sentindo o carinho de sua deusa.

— Este é Gamat ou Chama Ardente. É meu *wyvern* preferido e voaremos nele hoje.

Lynx se acalma. A criatura alada tem um corpo alongado e musculoso e uma cabeça afilada com grandes chifres que seguem seu crânio. Seu focinho é comprido e repleto de dentes afiados. A cor vermelha de suas escamas parece reluzir com o sol. A criatura, gentilmente, mas ainda um pouco desengonçada, estende uma de suas asas membranosas com seu dedo longo e afiado, que penetra na areia fofa.

Obscura se apoia na asa do *wyvern*, estendendo a mão para que Lynx a acompanhe. Em passos pequenos e desconfiados, o homem se aproxima, até suas mãos tocarem. Subindo na criatura, ele tenta se acomodar atrás de Obscura, mas as escamas são incômodas. A desconfortável postura do homem tira gargalhadas da mulher, que exclama:

— Voe, Gamat, corte os céus, leve-nos para a Ilha de Fogo!

A criatura avermelhada começa a correr com as patas traseiras e, apoiando-se ao mesmo tempo nas asas, começa a levantá-las, criando mais estabilidade em suas passadas. Enquanto isso, sua cauda longa e flexível de ponta afiada arrasta a areia de um lado para o outro. Finalmente, Gamat ganha o ar, batendo suas longas asas e ganhando velocidade a cada movimento. Os cabelos de Lynx vão se embaraçando com o vento forte e, olhando com atenção, o homem percebe que os pés e as mãos de Obscura parecem se misturar com as escamas da criatura. Ele decide então enlaçar seus braços no corpo da mulher, tentando se prender o máximo que pode.

Apesar do medo que invade sua mente, Lynx não pode deixar de contemplar maravilhado a vista que voar na criatura lhe proporciona. A pedido de sua cavaleira, Gamat se aproxima, num voo rasante, do oceano que leva o mesmo nome da deusa. As pontas das asas tocam as águas azuis, criando uma atmosfera

de liberdade para o homem, que por vezes se esquece da própria segurança e solta os braços, abrindo-os o máximo que pode, voltando o rosto para o céu e gritando com todo o ar que seus pulmões podem soltar.

Percebendo a liberdade que Lynx sente, a mulher o surpreende se levantando na criatura e instigando-lhe o mesmo. Segurando as mãos de Lynx, Obscura faz com que ele passeie sobre o corpo da criatura, que se mantém firme, planando sobre as águas. Mas Gamat provoca os dois e sacode um pouco o próprio corpo, fazendo-os cair sobre suas costas. Rapidamente, a mulher enrosca as pernas no corpo de Lynx, enquanto suas mãos se misturam com as escamas da criatura. Lynx, com os olhos arregalados, segura o corpo dela e quase lhe tira o ar de tanto medo. Inesperadamente, seus olhares se cruzam, criando uma reação breve, mas envolvente em ambos.

Obscura se vira, firmando-se novamente em Gamat, voltando a cavalgar a criatura. Lynx volta a se envolver com seus braços no corpo da mulher. Gamat direciona seu voo para o alto assim que avista as areias negras da Ilha de Fogo e, pairando, enrijece as asas abertas, fazendo o ar assobiar com sua manobra. O *wyvern* vermelho aterrissa na praia e ruge, anunciando sua chegada e a de sua cavaleira.

Lynx desce, sentindo os pés aquecerem na areia negra, mas de forma tão sutil que não se queima. O lugar intrigante e assustador lhe parece a personalidade de Obscura, que tanto o fascina. No alto, criaturas iguais a Gamat sobrevoam, suas sombras se misturam ao vapor e às cinzas que o vulcão expele no céu.

Lynx se volta para trás e vê a bela mulher gentilmente acarinhando a criatura, que já abre suas longas asas e se distancia, levantando voo e se juntando a seus iguais no céu.

— Existem mais cinco iguais a ele. Bem... Não iguais, mas semelhantes. Cada um com suas características. Acredito que Ignus e eu os criamos de forma parecida com o que minha irmã fez com você.



Como sempre, o dia passa sem que os dois percebam.

— Quero lhe dar um presente, Lynx, você aceita? — pergunta Obscura, trazendo um sorriso largo ao homem, que consente com a cabeça.

A mulher se agacha e toca o chão de cinzas, fazendo os finos grãos começarem a tremer e se mexer, em uma espiral hipnotizante, como a própria terra dançando ao ritmo da natureza.

Lynx observa com apreensão e expectativa: os olhos de Obscura vão se tornando negros enquanto suas linhas e mãos voltam a pulsar, como no dia em que ele a encontrou desacordada.

Dos grãos escuros, emerge um esqueleto majestoso e elegante, que imediatamente cria músculos poderosos e uma pelagem densa e lustrosa. A figura se revela como um magnífico cavalo negro de grande porte, com uma cabeça refinada e expressiva, cujos olhos grandes brilham como a lua. Sua crina espessa e sua cauda longa fluem como as ondas do mar.

Uma combinação de poder e serenidade.

Ainda transformada num ser celestial, Obscura gesticula um toque final, atraindo Lynx para perto de si. A mulher toca no peito do homem, fazendo o mesmo gesto no peito do cavalo.

Com um pulsar de energia entre os três, Lynx sente seu coração ritmar forte e apressadamente, enquanto o peito do cavalo se estufa e se comprime.

— De duas metades, um inteiro nasce. Viva Fogo Negro!
— exclama Obscura.

O cavalo relincha com o impacto de energia e, ficando sobre duas patas, tem tanto a crina quanto o rabo em chamas, as quais também parecem reluzir de seus olhos.

Obscura volta ao normal, e Lynx se ajoelha enquanto o cavalo copia seu gesto e toca a cabeça do homem com a sua própria.

— Este é Fogo Negro, nosso amigo pela eternidade. Enquanto a Ilha de Fogo arder, ele existirá e seguirá ao seu lado, ao lado de seu filho e ao lado do filho de seu filho. Este é meu presente para você, meu querido.

Lynx fica maravilhado com a criatura. Ele e Obscura montam no imponente cavalo, que inicia uma marcha com passos altos e estendidos, exibindo um trote fluido e impressionante, até aumentar a velocidade, correndo próximo do mar. Lynx se assusta ao ver para que direção Fogo Negro vai, mas o cavalo inigualável possui a agilidade do vento e a força do oceano, galopando sobre as águas e fazendo surgir vapor ao longo do caminho percorrido com as patas em chamas.

Após a travessia, finalmente alcançam o refúgio de Obscura. Descendo de Fogo Negro, Lynx alisa a cabeça e a crina do cavalo, que volta a correr pela praia, ainda consumido pela vida que acabou de ganhar.



Certo dia, Obscura e Lynx resolvem tomar seu banho no mar, como de costume. Após brincadeiras e um longo período nas águas, a mulher se afasta devagar e se senta na areia, observando-o se banhar e até brincar com alguns animais. Obscura já

o observou muitas vezes. No entanto, por algum motivo, agora começou a percebê-lo com olhos diferentes, dando mais atenção a sua forma física e seu jeito de viver e de tratá-la.

A deusa vê que seu corpo parece mais forte do que o dela e o de sua irmã, com linhas bem mais definidas. Sem perceber, Obscura abre o Círculo de seus pensamentos para Lumina, que, do outro lado do Reino, apoiada na beirada de uma janela de sua torre imponente, se embrenha silenciosamente nos seus olhos.

Obscura observa Lynx distraído de costas se banhando, até que ela se levanta e caminha em sua direção. Tirando a água de seu rosto e cabelo, o homem levanta sua cabeça e se depara com a deusa à sua frente.

Ela, por sua vez, não consegue desviar os olhos e se aproxima, tocando o corpo dele e descendo devagar, delineando-o carinhosamente com seus dedos. Lynx, de imediato, se lembra de Lumina, mas os olhos azuis de Obscura parecem penetrar seus pensamentos, pois ele escuta a voz dela dentro de sua mente: não pense nela. Eu estou aqui, eu sou a sua verdade.

Obscura o faz tocar seus seios, causando uma reação que lhes percorre cada músculo. Lynx levanta-a nos braços e caminha rumo à praia. Ambos começam a se beijar vorazmente.

Lumina, distante da cena, imediatamente se apodera de sua lâmina.

— Vingança, sinta através de meu desejo, navegue através de meus olhos, alcance Obscura. Agora.

Após rachar as paredes da torre e fazer o teto desabar, a espada atravessa todo o terreno do norte, alcançando o rio Caminho dos Céus, próximo ao lugar onde criou Lynx tempos atrás com os elementais. Ao surgir segurando a lâmina cravada em uma pedra, a deusa retira a arma facilmente, como cortando folhas de árvores. No entanto, percebe sua espada envolvida em sangue.

— De quem será isso? Não importa.

A deusa lança sua arma novamente, repetindo as mesmas palavras, fazendo a espada viajar através do rio e cravar em uma árvore. Mas quando Lumina surge, percebe junto da árvore um cervo que tenta respirar ofegante, atravessado pela lâmina. Seus olhos inocentes de certa maneira seduzem Lumina, que se aproxima devagar do animal e toca seu rosto. A mulher retira Vingança, fazendo a criatura cair no chão em desespero, brigando pela vida. Em um gesto misericordioso (ou maldoso), Lumina gira a lâmina no ar, decapitando-o.

No mesmo instante, Obscura congela na praia ao compartilhar a visão com Lumina. Sem entender e assustado, Lynx vê a mulher, com quem até agora compartilhava um momento apaixonante, gritando desesperada e se debatendo entre lágrimas na areia. Com muita força, ele consegue fazê-la parar e se acalmar aos poucos.

Obscura abraça-o e ele lhe faz um carinho. Voltam a se beijar, mas não com tanto fervor e sim com uma reciprocidade carinhosa de conforto.

De repente, Obscura comenta:

— Lumina está aqui.

A gêmea furiosa se aproxima dos dois, gritando tão alto que a terra estremece. As ondas iniciam uma revolta, agitando-se sem direção, batendo contra os rochedos próximos. Lynx se levanta rapidamente ao ver Lumina se aproximar, enquanto Obscura se surpreende com a fúria da irmã, que ignora sua presença ao passar por ela. Elevando suas espadas, Lumina as cruza no pescoço de Lynx, que eleva os braços.

— Obscura, vá para seu refúgio. — Lumina tem fúria em seu olhar — Agora.

— Acalme-se, minha irmã, você não pode matá-lo! — retruca Obscura, com o olhar penetrante e frio de Lumina voltado para si, fazendo-a recuar alguns passos e deixando-se apenas observar silenciosamente a irmã, como paralisada.

— Eu lhe disse que minha irmã não seria seu brinquedo, muito menos a provedora de seus desejos, Lynx Caelum. Eu estava certa quanto a você: nascido selvagem, morrerá selvagem! — Lumina aproxima as espadas ainda mais da garganta dele.

Obscura sai de sua paralisia e questiona:

— Não sei qual foi o acordo entre vocês dois, mas não estávamos fazendo nada demais. Foi um beijo inocente, até você matar... meu cervo.

— Cale-se, Obscura. Ainda não terminei com você. Em sua inocência, você não percebe o quanto sua amável figura é tentadora para criaturas como os homens. Gentileza, sedução, luxúria... Você não compreende. Eu deveria matá-lo e expô-lo como exemplo para todo o Reino, para que entendam quem é Lumina! — exclama a deusa, ostentando contínua fúria em seu olhar.

— Você enlouqueceu! — grita Obscura — Leve seu brinquedo daqui, sumam da minha frente!

Os olhos da deusa inocente brilham, fazendo Lynx enfrentar as espadas de Lumina, as quais se aproximam ainda mais, fazendo escorrer sangue de seu pescoço.

— Parem, vocês duas, o que estão fazendo? Vocês são irmãs, devem se amar e não se destruir. Tire logo minha vida, Lumina, se isso a fará feliz, se isso fará vocês pararem. Faça de uma vez.

Por um momento, algo toca o coração de Lumina, fazendo-a se acalmar e baixar as espadas, voltando uma delas à perna.

Obscura se aproxima da mulher, observando-a enquanto estuda seu próximo ato.

— Não pense que terminei com você! — ameaça Lumina.

E esticando a mão para o homem:

— Lynx Caelum irá comigo, mas encerraremos esta conversa em outro momento. Quando isso acontecer, você deverá me escutar, ou se arrependerá.

Ele obedece ao gesto e se aproxima, segurando a mão da criadora.

Sem muita certeza do que fazer, ele deixa percorrer em sua mente apenas o desejo de não intervir no amor entre as deusas, mas principalmente poupá-las de um desgaste de seus poderes e de suas respectivas vidas por algo tão pequeno. Ao mesmo tempo, lembra-se de seu bando, de antes de virar homem, e uma fagulha de arrependimento surge. Só não conta com o fato de que Obscura atravessou o Círculo de sua mente, abandonando qualquer desejo de ameaça contra Lumina, o que lhe entristece.

— Isso é obediência. Aprenda isso, Obscura! — exclama Lumina.

A deusa lança sua espada e some com a criatura na frente da mulher, deixando apenas um rastro de cristais da areia da pedra.

— Teremos essa conversa novamente, pode ter certeza disso. — diz Obscura.

Ao longe, Aquaris segura o corpo do cervo enquanto Ignus segura a cabeça do animal. Obscura se aproxima dos dois, tocando gentilmente a criatura. Uma pequena lágrima escorre de seus olhos. Voltando-se friamente para Ignus, ordena-lhe que queime o animal.



Bem longe dali, Lumina e Lynx reaparecem na entrada de uma cidade com uma forte muralha em construção. A mulher pega a espada fincada em uma das pedras e a funde em sua perna, enquanto o homem se ajoelha no chão ainda nauseado com a travessia.

— Você já deveria ter se acostumado com isso. — esbraveja Lumina — Venha, não tenho o tempo todo. Você permanecerá comigo até eu pensar sobre o que fazer com você, Lynx Caelum.

Enquanto Lynx ainda se recupera de seu mal-estar, Lumina percebe-o ainda nu e chama um dos homens armados que guardam a entrada da cidade. O soldado se aproxima e Lumina lhe ordena que dê as roupas para Lynx. O soldado, constrangido, rapidamente obedece a sua rainha, ajudando o recém-chegado a se vestir.

— Está um pouco apertada. — reclama Lynx.

Mas a mulher não lhe dá atenção e pede que ele a acompanhe, pois sua comitiva chegou.

Imediatamente, mais dois homens vestindo trajes iguais abrem a porta de uma carruagem pomposa puxada por quatro cavalos, a qual Lumina adentra, seguida de Lynx. Ao longo do caminho pela rua principal, o visitante eufórico demonstra curiosidade, observando a cidade por entre os vidros do veículo.

Pequenas e grandes casas, a todo momento com um entra e sai de pessoas ocupadas com seus afazeres, as quais parecem parar o que fazem quando a carruagem passa. Torres altas sendo construídas, paredes, peças estranhas feitas com madeira e metais estranhos, além de caminhos sendo formados e revestidos pelas mesmas pedras usadas na muralha. Mas o que mais lhe intriga desde sua chegada é ver outras criaturas iguais a ele e a suas deusas, todas de tamanhos e formas diferentes.

Finalmente, a carruagem para na frente de uma escadaria com uma grande fonte.

Lumina desembarca, seguida de Lynx, e ambos sobem os degraus, dando de frente com dois portões, abertos imediatamente à presença da mulher. Lynx se impressiona com um majestoso jardim em construção, porém, já com muitas árvores, flores e plantas. Adiante, ao fundo, um imenso castelo de pedras negras.

Ambos cruzam o jardim e atravessam as altas portas do castelo, chegando a um belo salão ainda sem teto, mas com um andar superior repleto de portas e corredores que circundam a construção, sustentada por grandes colunas. No centro do salão, os elementais estão sentados a uma mesa. Ao verem Lynx, surpreendem-se, mas Lumina lhes explica que a presença de sua criatura ali é essencial: o homem é seu convidado e ficará por um tempo lhe fazendo companhia e aprendendo um pouco mais sobre a civilização que está surgindo. Puxando-o com certa força, Lumina coloca-o sentado próximo dela na mesa.

Um farto banquete é servido, regado a uma estranha bebida vermelha, parecida com sangue, mas com um gosto peculiar.

Ruim de início, mas bom no final, pensa Lynx.

O homem ainda não acredita nos seus olhos: aquelas criaturas tão semelhantes perambulam por um lado e por outro, mas não estão nuas; todas, diferentemente dele próprio e de Obscura, que vivem naturalmente, estão devidamente vestidas.

— Não se sinta constrangido. — comenta Lumina, bebendo vinho de sua taça — É muita coisa nova para seus olhos, tudo diferente de quando vivia com Obscura... É natural. Você e minha irmã ficam longe e isolados naquela vida selvagem que ela teima em continuar vivendo. Mas conforme passarem os dias, eu e os elementais iremos lhe mostrar tudo. Você é meu

convidado e poderá andar livremente, mas vestido. Amanhã lhe providenciaremos roupas, assim não correrei o risco de vê-lo fazendo algo que não deveria.

— E onde estão os elementais? — pergunta Lynx, fazendo a mulher e duas pessoas na mesa rirem levemente.

— Estão em sua frente, seu bobo. — responde Lumina — Mas em forma humana, assim como você. Solo e Caeli.

— Ignus e Aquaris saíram para resolver alguns assuntos. — complementa Caeli — Em breve, estarão de volta.

— Espero que não seja nada sério. — retruca Lumina.

— Nada demais, rainha. — complementa Solo, servindo-se de comida enquanto sorri para Lynx.

— Seja bem-vindo, Lynx Caelum! — exclama Caeli, com um sorriso em seu rosto — Que você possa ter uma maravilhosa estadia no Castelo Negro e na Cidade Real. Faremos o possível para que se sinta em casa!

Lynx não diz nada; apenas olha para a arauto e sorri, devolvendo-lhe a cortesia, pois está ocupado vendo a fatura de comida na mesa, uma vez que, com Obscura, apenas caçava e colhia, assim como quando ainda era um leão.

O jantar segue e Lynx não fala um só momento na mesa. Apenas observa e escuta os anfitriões discutirem rotinas do Reino, principalmente quando Ignus e Aquaris se juntam.

Após o banquete, Lumina pede que ele a acompanhe à parte superior do castelo, onde ele ficará. Duas mulheres e um homem arrumam o quarto, preparando banheira, cama e roupas.

— Estão aqui para lhe ajudar com o que precisar. Se algo não estiver do seu agrado, fale com eles. Durma bem, pois amanhã cedo percorreremos um pouco o Reino. — Lumina sai do quarto em seguida, fechando a porta.

A princípio, Lynx não sabe muito bem o que fazer, mas o jovem rapaz no quarto toma a frente e o despe, enquanto uma das mulheres prepara a banheira e a outra continua a arrumar roupas e outros acessórios. Passado um tempo em que o jovem explica a Lynx as etapas e outros detalhes de seus afazeres e suas companhias durante a estadia, Lynx se acalma e relaxa, deixando que os servos o conduzam no aprendizado desses novos costumes.



Lua da Colheita

Dias se passam depois da chegada de Lynx ao Castelo Negro. Durante esse período, Solo faz questão de acompanhá-lo, dando-lhe informações de como o lugar está prosperando e para qual direção Lumina quer que seu reinado caminhe no que tange a tradição e cultura. Solo também lhe apresenta outros pontos, como o despertar da religião e de acampamentos que estão começando a aumentar ao redor da Cidade Real. Possivelmente surgirão novas cidadezinhas a partir das fazendas e de alguns estabelecimentos.

Segundo Solo, Lynx foi o primeiro homem no Reino, mas muitos outros foram criados a partir de outras criaturas depois dele. Diferentemente dele, porém, Lumina fez questão de não lhes dar a liberdade de aprendizagem e de moldarem suas vidas como bem entendem. Esses novos reinos tiveram estabelecida uma sociedade organizada por meio de divisões como cavaleiros — designados para manter a ordem e a segurança —, fazendeiros, artesãos, serviçais, camponeses e mercadores, estes últimos responsáveis pelas transações entre a cidade de Valéria, em Thalassya, e o comércio local.

Lynx também aprende que, ao longo do tempo, os elementais conseguiram dobrar os efeitos de Lumina sobre os reinos, tornando-os mais livres. Aos poucos, suas mentes foram liberadas. Infelizmente, com isso vieram problemas e questionamentos.

— A princípio, Lumina se revoltou, matando vários. — comenta Solo, após uma longa jornada pela cidade, mostrando ao convidado em ações o que ele aprendeu nos longos dias de visita no castelo e na cidade — No entanto, isso começou a desgastá-la demais. Eu e meus irmãos percebemos que haveria um preço a se pagar pela liberdade, e assim estabelecemos leis e outras regras para os reinos. Essa é uma das causas pelas quais se vê tantos soldados e líderes pregando palavras de ordem e devoção à Lumina. Foi o preço que pagamos pelo progresso e pela prosperidade.

— É realmente grande o que foi feito. — diz Lynx — Eu me atentava apenas a estar com Obscura; jamais fizemos questão de conhecer o Reino afora, ultrapassar os limites do sul.

— Por isso foi oportuno trazê-lo para cá! — exclama Lumina, surgindo nos portões de entrada que dá acesso da cidade para o jardim — Assim você abre sua mente para o que realmente eu e minha irmã fizemos com o Reino. E para qual é meu propósito, além de viver cercada de mato e animais.

Solo faz reverência e pede licença à deusa, despedindo-se de Lynx, que se volta para Lumina:

— Estou impressionado com o que Solo me apresentou nestes últimos dias. Acredito que Obscura também ficaria. Ela já conhece este lugar?

— Nós compartilhamos nossas memórias, nossos olhos. Mas ela prefere não aceitar. — responde Lumina — Vá tomar um banho, almoçaremos juntos e depois faremos um passeio.

Lynx encontra Lumina um tempo depois na entrada do Castelo Negro.

— Você mudou bastante. — diz ela — Parece mais polido, como deveria ser. Agora venha, vamos almoçar nos campos, passear um pouco.

Ao longo do passeio a cavalo, Lumina reforça as informações e ensinamentos de Solo, acrescentando a arena sendo construída próximo dali, até que um dos soldados à frente para, conforme instruções da rainha. Assim que os soldados e alguns serviçais montam o pequeno acampamento para o almoço dos dois, Lumina se acomoda em uma tenda com Lynx.

— Sente falta da vida com minha irmã? — indaga Lumina, bebendo um pouco de vinho.

— Sinto falta de nossos passeios e de uma vida mais simples e calma. — responde Lynx — Também sinto falta do perfume dela.

— Pode me descrever esse perfume? — questiona a mulher, olhando-o com desprezo.

— Não sei explicar, só é diferente do seu, minha senhora. Acredito que venho perdendo meu olfato. — o homem observa a estrutura da tenda, desviando o olhar.

— Entendo... Bem, Obscura e eu somos muito diferentes em muitas coisas. — Lumina apoia as mãos nos ombros do homem, de pé atrás dele.

— Ainda assim, com exceção dos olhos, as duas são bem parecidas. — responde Lynx.

A mulher aproxima a boca de seu ouvido e sussurra:

— Está me dizendo que eu o agrado, Lynx Caelum?

— Sim, minha Senhora, mas não devo ir além. Conforme suas instruções. — o homem se afasta um pouco.

— Mas se eu não tivesse chegado naquele dia... Vocês teriam ido além. Você teria tirado a inocência de minha irmã, corrompido sua beleza etérea e desonrado sua promessa.

— Não era minha intenção. Apenas quis ajudar Obscura, que não estava bem. Ela viu algo que a senhora fez para ela. — retruca o homem, pegando uma maçã.

— Você ainda não entendeu o que lhe expliquei e mostrei naquela noite, pois voltou a quase fazer o mesmo com Obscura. Sua beleza o condena, Lynx Caelum, e ela muitas vezes não justifica sua inteligência. Tentarei ser gentil novamente, elucidar melhor a situação... O que você sentiu na praia foi desejo, um sentimento que ocorre entre seres como nós, que se atraem por algum motivo. É o mesmo que você fazia com suas leoas, mas com luxúria, algo mais humano. — Lumina se aproxima do homem, que continua a morder a maçã.

— Você quer dizer que... — antes que Lynx termine, a deusa segura sua mão com a maçã, elevando-a até a altura dos olhos dele.

— Veja esta maçã, observe a mordida que fez nela. Eu lhe pergunto: você se sentiu saciado com apenas essa mordida?

— Não... Eu tenho a intenção de terminá-la, é saborosa. — responde o homem.

— Agora imagine que esta maçã é Obscura. Você a mordeu, provou de seu suco. Ela é doce, succulenta, você quer mais. Pedaco por pedaco, você vai devorando até não sobrar mais nada, e quando perceber, o suco que ainda restava escorre pelo canto de sua boca. Mas você está saciado? Não. Você ainda quer mais. Só que não há mais maçã para devorar. Então você se livra do que sobrou, vai para a próxima maçã e começa tudo de novo. — Lumina morde a fruta após a explicação, deixando-o com a boca aberta.

Olhando para baixo sorrateiramente, ela percebe o volume desperto sob a calça de Lynx.

Ele, por sua vez, percebe o olhar e, constrangido, derruba a maçã. Resolve então sair da tenda, buscando o mais puro ar para seus pulmões enquanto Lumina o vê sair.

— E assim outra maçã desperta o seu desejo... — diz a deusa — Homens...

Capítulo 3 - Luxúria

Era da Alvorada | Lua do Despertar

— Gamat, como está, meu querido? — pergunta Obscura, acarinhando o *wyvern* vermelho, que apenas grunhe — Quero visitar Lumina e Lynx.

— Pretende mesmo visitá-los? — Aquaris pergunta — Já é noite, e é melhor para Gamat voar de dia.

— Não há problema algum em ir agora. Faz tempo que não os visito. E Lumina não está deixando seu Círculo mental aberto. Assim fica ainda mais difícil e a saudade aperta. Além disso, Gamat é um *wyvern*, ele pode se dar muito bem à noite.

— Vê-los, ou você quer dizer ver Lynx Caelum? — questiona Aquaris.

— Você me entendeu, Aquaris. Eu quero Lynx, é isso. Sinto falta dele, irei até Lumina e pedirei que ela o deixe voltar comigo! — exclama Obscura, com certa alteração de humor.

— Você não parece bem. Espere até amanhã, eu lhe peço. — Aquaris se aproxima de Gamat, que a deixa acarinhá-lo.

A deusa junta suas mãos e pés à criatura enquanto a arauto se afasta, com seus conselhos ignorados. Gamat ruge e levanta voo, fazendo a areia da praia se espalhar. Aquaris, sabendo que pode haver problemas, some nas águas do oceano que leva o nome de sua deusa preferida.



No Castelo Negro, Lumina caminha por entre os corredores até a porta do quarto de Lynx. O rapaz que o acompanha desde sua chegada aparece na porta do quarto ao lado.

— Não há o que ver, meu jovem, pode voltar a dormir. Esta noite ficarei com seu mestre.

Sob o manto aveludado da noite, debruçado no parapeito da janela de seu quarto, Lynx, solitário, olha arrebatado para o firmamento, perdido em pensamentos de saudade por Obscura. Um mar celestial de diamantes se estende ao infinito. Os olhos dele, como minas de obsidiana, refletem o brilho das estrelas. Vestido de sombras como um sentinela do Reino e enfeitiçado pela dança luminosa das constelações, ele tenta a cada respiração inalar os sussurros do Cosmos que se alinha a cada batimento cardíaco.

Subitamente, sua saudosa viagem estelar é interrompida por um cheiro conhecido.

— Você exala seu aroma por todo o castelo, é fácil distingui-lo. Estou como ferro do velho moinho, mas meu nariz ainda não me engana.

A mulher sorri com o comentário, fechando a porta do quarto e sentando-se rapidamente na ponta da cama, olhando em volta e reparando no lençol estendido no chão.

— Tem o costume de ficar nu assim em seu quarto? — pergunta ela.

Sem pudores ou vergonha, Lynx se vira para a mulher, de costas para o parapeito da janela.

— Estou no meu quarto, não? Quero dizer, você nunca estabeleceu regras de vestimenta para quando eu estivesse aqui.

— Isso é verdade, mas por que o lençol está no chão? Não gosta da sua cama? Posso pedir para trocá-la, se quiser. — Lumina não tira os olhos do corpo de Lynx.